

Desvalorizar não é solução

■ Especialista em América Latina adverte que governo tem que fazer a reforma fiscal

FLAVIA SEKLES

Correspondente

WASHINGTON – O assessor de uma comissão importante do Congresso americano telefonou na quinta-feira para o economista Jeffrey Schott, especialista em América Latina do Institute of International Economics, para pedir informações sobre a situação no Brasil. O assessor não entendia a dificuldade do governo de Fernando Henrique Cardoso para implementar o ajuste fiscal com o qual o presidente se comprometeu quando assinou um acordo para uma linha de crédito de US\$ 41,5 bilhões com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em novembro do ano passado. “Imagine”, disse Schott ao funcionário, “um Congresso que não concorda com o seu presidente!”

Enquanto o Congresso americano está paralisado com um julgamento de *impeachment* do presidente Bill Clinton – que pode levar a sua remoção do cargo –, é irônico, mas verdadeiro, como muitos dos americanos que tanto pregam o valor universal de sua democracia não entendem que

outros sistemas políticos possam ser tão complexos como o do Brasil. Como não entendem que existam políticos como Itamar Franco, um ex-presidente, eleito governador, capaz de criar tantos problemas e tamanha oposição no Legislativo. Nos EUA – basta olhar para o Congresso no momento –, coisas mais estranhas acontecem.

Esperança – Segundo Schott, no entanto, o restabelecimento da autoridade política de Fernando Henrique Cardoso e a aprovação das reformas fiscais com as quais seu governo se comprometeu no ano passado, que levariam à redução do déficit público, são a única esperança do Brasil, economicamente.

“A flutuação do real não é uma poção mágica, da mesma forma que o acordo com o FMI por si próprio não foi uma poção mágica”, disse Schott ao JORNAL DO BRASIL. “A única alternativa do Brasil agora para estabelecer a credibilidade é o Congresso mostrar que apóia a reforma fiscal. Tudo depende da reação política e, se eu fosse um legislador no Brasil, estaria morrendo de

medo depois de ter visto o que aconteceu na semana passada. O custo de não fazer nada será altíssimo”.

Schott lembra que quem ainda tem dúvidas deveria olhar para a situação da Tailândia, Coreia do Sul e Indonésia, os primeiros países afetados pela crise asiática, afundados até agora em recessões. “Se os mercados sentirem que nenhuma ação será tomada, além da mudança no câmbio, as taxas de juros vão continuar altas e o real vai continuar caindo, e vai haver uma recessão sem fim no Brasil” adverte o economista. “Se investidores não têm confiança na economia de um país, o que não pode haver quando o déficit fiscal é tão alto, eles cobrarão caro para emprestar dinheiro, ou para investir lá”.

Achar que a desvalorização do real vai aumentar tanto as exportações que a pátria poderá ser salva também é besteira, segundo o economista. Em 1995, por exemplo, quando o México desvalorizou sua moeda, a demanda interna caiu muito, mas as exportações, absorvidas principalmente pelo mercado americano, subi-

ram e compensaram.

Âncora – Hoje a situação é muito diferente. As economias do mundo inteiro estão tendo queda em sua taxa de crescimento ou estão em recessão. Os preços de *commodities* estão extremamente baixos no mundo inteiro. “O Brasil”, pergunta Schott, “vai exportar para quem? Vai vender aço para os EUA, onde já é alvo de um processo de *dumping*?” Duvidoso, conclui: o que é necessário para o Brasil daqui para frente é uma solução interna.

Enquanto alguns economistas como Rudi Dornbusch, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), sugerem que a única alternativa para o Brasil no momento seria a criação de uma âncora cambial, Schott afirma que isso seria completamente inviável na situação atual. Mas, depois que houver uma estabilização, o Brasil terá alternativas monetárias novas.

“Em busca de uma estabilização mais ampla, talvez seria interessante se o Brasil e os outros membros do Mercosul usassem a oportunidade para estabelecer uma união monetária”, conclui.